

5

Conclusão: sem querer finalizar

Como observamos ao longo da presente pesquisa, a literatura infantil, como objeto teórico no universo dos estudos literários, se caracteriza por ambiguidades fundamentais: a estreita relação entre literatura e escola; a contaminação por problematizações de outras áreas de saber; a assimetria entre sua produção (por adultos) e seu público receptor principal (a criança); a influência direta de questões mercadológicas – porque é produto mais potencialmente lucrativo que a literatura para adultos – na sua produção, entre outros.

Acrescente-se, ainda, que cada um destes “problemas” configuram construções históricas e, por isso, mutáveis: ao longo do tempo, acompanhamos as transformações dos conceitos de escola e de educação, do conceito de infância¹, do conceito de literatura – para não falamos na mudança do próprio conceito de História (a ciência humana). Lajolo (2007) destaca a importância de se historicizar as discussões sobre a literatura infantil (produto, aliás, como “pedagogia tardia”, de necessidades da sociedade burguesa ao longo da História).

O conceito de crítica literária também é uma construção histórica. Qual o papel do crítico? Quais os critérios para a análise literária? Que elementos do objeto literário devem interessar à crítica? A forma? O conteúdo? A linguagem? As estruturas? A mensagem? As impressões? O estilo de época? A autoria? A alternância entre períodos que valorizaram ou desprezaram cada um destes aspectos, em movimentos de tradição e ruptura ao longo da história da literatura, apenas comprovam a instabilidade de qualquer definição do que seja, afinal, a crítica literária e do que seja o papel do crítico de literatura.

Em nenhum momento, um crítico, por mais atualizado que seja, está legitimado para prescrever o modo de interpretação de uma obra literária, como se apenas ele detivesse o caminho correto de abordagem. Há normas, há metodologias e instrumentos que permitem melhor aproximação com o texto, mas o juízo crítico será sobretudo um esforço demonstrativo e não um infundado julgamento de valor,

¹ Compreender a noção de infância como construção histórica não significa negar os aspectos objetivos (biológicos e fisiológicos, por exemplo) que de fato caracterizam esta fase da vida.

com base em normas de (bom) gosto consagradas e resumidas para a opinião pública (Yunes e Pondé, 1988, p. 142).

O objetivo desta pesquisa foi demonstrar a atuação significativa da crítica literária brasileira de literatura infantil nos anos 1970/80, contemporâneos do chamado boom de uma ‘nova’ literatura infantil brasileira, período pródigo em novos (bons) autores, novas obras primas de literatura infantil, novas formas de produção no mercado editorial. Um dos aspectos mais importantes da atuação destes críticos, na minha opinião, é o fato de sua produção teórica ocorrer durante a eclosão de todas estas transformações, “no calor da hora”, sem o distanciamento em perspectiva, as releituras e as ressignificações que só o tempo decorrido e os desdobramentos ocorridos possibilitam.

Estes críticos de primeira hora foram chamados a interpretar essa literatura de tempo presente e responderam à altura da demanda e da qualidade que então se produzia em literatura infantil – cada qual com suas afinidades epistemológicas, próximas ao estruturalismo, à estética da recepção ou à visão política e ética da literatura, configurando igualmente um boom de estudos críticos sobre o tema. Além disso, foram responsáveis pela renovação definitiva dos “estudos lobatianos”, dando à recepção da obra infantil de Monteiro Lobato as bases conceituais que vigem até hoje.

Como medida metodológica para possibilitar a pesquisa, estabelecemos como material prioritário as produções teóricas publicadas em livro por críticos ligados aos centros acadêmicos de São Paulo, Rio de Janeiro e Sul do Brasil, o que não deixa de evocar uma hegemonia de produção cultural que exclui várias partes do Brasil e que persiste em nossos dias, infelizmente. Mas a seleção se fez necessária para que se pudesse verticalizar a leitura das obras teóricas de referência sobre a literatura infantil.

Igualmente, o critério de privilegiar as publicações em livro não nos permitiu analisar as produções de crítica em outros suportes que, aliás, naqueles anos eram insipientes, com exceção de revistas mensais e jornais semanais. Por outro lado, o material produzido para revistas mensais, jornais semanais, suplementos literários e boletins não configuram uma crítica sistematizada – fato que afasta este material dos objetivos desta tese.

A produção significativa de resenhas de livros nos boletins da FNLIJ, na “Bibliografia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil” (BBLIJ), produzida pela Seção de Bibliografia e Documentação da Biblioteca Monteiro Lobato, além dos textos sobre literatura infantil esporadicamente publicados no “Suplemento Literário de Minas Gerais”, para ficarmos em apenas alguns exemplos, já nos inspiram uma próxima pesquisa.

Na verdade, esta tese não pretendeu senão levantar o véu, e nem de longe esgotar todas as expressões de crítica literária brasileira de literatura infantil hoje existentes – projeto que representaria, possivelmente, a pesquisa de uma vida, com meios específicos para se desenvolver em alguns anos, não nos limites de uma tese que, escrita sem fomentos de qualquer agência², precisou dividir tempo e esforços com atividades profissionais remuneradas que garantiram, além de sustento pessoal, o custeio das próprias despesas necessárias para a realização da pesquisa.

Não tendo como objetivo reunir nem um compêndio, nem uma enciclopédia de crítica literária brasileira sobre literatura infantil, esta tese buscou ser uma proposição primeira de reflexões fundamentais sobre o objeto delimitado já apontado; assim, no sentido de sua novidade no âmbito dos estudos sobre literatura infantil brasileira, esta tese também é, exatamente como seu objeto, uma crítica de primeira hora.

As necessárias delimitações do estudo não implicam, vale esclarecer, em negar a relevância de outros objetos de análise. Por exemplo, estabelecer nos anos seguintes os desdobramentos do boom da crítica de literatura infantil ocorrido nos 1970/80, investigar o estado da arte desta crítica hoje, verificar as contribuições de instituições como a UNESP (Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”) e a UEL (Universidade Estadual de Londrina), a PUC-RS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul), UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e UFF (Universidade Federal Fluminense) para a formação de pesquisadores e críticos que se alojam em periódicos, editoras e mídias em geral.

Esta pesquisa buscou demonstrar como a literatura infantil entrou de forma equivocada na escola – como apoio paradidático -, e como, a partir dos anos

² À exceção, a que agradeço reiteradamente, da isenção de mensalidades concedida pela PUC-Rio,

1970/1980, os estudos literários sobre o tema no Brasil começam a pensar a literatura infantil libertando-a do viés pedagógico (ao contrário do século XIX), ressaltando como a crítica brasileira de LIJ se afinou com esta direção e quais as questões conceituais que então se apresentaram, ressignificando a noção de que “a criança tem que aprender”. Em síntese, a reformulação da relação literatura infantil e escola, a partir da valorização do prazer de ler, por exemplo, é contribuição dos críticos brasileiros de literatura infantil desta geração.

Outra contribuição desta geração de críticos que a tese buscou apontar é sua atuação fundamental na valorização das novas obras e novos escritores, naqueles anos, de importância fundamental, como Lygia Bojunga. A contribuição dos críticos a este respeito se fez sentir tanto em textos de crítica sobre obras e autores, como na indicação dos mesmos para prêmios, para montagem de acervo de bibliotecas infantis, sua inclusão em “bibliografias fundamentais de LIJ”, sua classificação como “altamente recomendáveis” (de que o selo da FNLIJ é um exemplo), entre outros. O papel da crítica foi, portanto, fundamental para consolidar estas novas produções como um novo cânone de literatura infantil.

Foi possível concluir, ainda, que os diferentes autores brasileiros de crítica de literatura infantil estudados, convergem para algumas reflexões semelhantes, e se alinham em questões centrais: todos, por exemplo, tomam a literatura infantil de Lobato como o marco de uma nova literatura infantil brasileira, da mesma forma que tomam a literatura de Lygia Bojunga como o marco de maturidade desta nova literatura infantil brasileira.

Entre os objetivos que a tese busca agora alcançar está a demonstração da importância da geração de críticos brasileiros de literatura infantil inclusive na valorização do leitor *tout court* em consequência dos esforços teóricos em torno da literatura infantil. Esta passagem de atenção teórica à Formação do Leitor é outra das importantes contribuições destes críticos; como se sabe, é a formação do “leitor de mundo” que permite a aquisição de cidadania, de atuação social e de consciência da própria subjetividade, através da percepção crítica da realidade que só as desconstruções e (re)construções da ficção podem promover.

E quando pensamos em Formação do Leitor, também voltamos à importância da literatura infantil: ela geralmente se apresenta como primeiro repertório tanto para as crianças em formação quanto para os adultos que desejam

retomar seu contato com a literatura – em círculos de leitura, por exemplo. Nos círculos de leitura para adultos que mediei, e naqueles em que trabalho até hoje, as primeiras leituras costumam ser de textos considerados “para leitores infantis”. Em todas as vezes, sem exceção, estas atividades físgam de primeira estes leitores. Não há grupo de adultos de qualquer idade, com grau de instrução escolar mais heterogêneo possível, que resita a “História das Invenções” de Lobato, a “Por parte de pai”, de Bartolomeu Campos Queirós, a “Cena de Rua” de Ângela Lago, entre tantos outros.

Aí está a definição mais simples da literatura dita infantil: aquela que acolhe mais - em encantamento.

* * *